

# 7753 Numa viagem pelo Araguaia, um índio volta às origens

Elson Soares

Dentro de 20 dias será lançado *A Dificil Viagem*, do cineasta brasileiro Geraldo Moraes, professor da UnB, rodado na região do Araguaia com atores candangos ao lado de nomes conhecidos como Paulo José, Zaira Zambelli e Roberto Bonfim, que está na cidade fazendo a divulgação do filme.

Entrando em circuito comercial no Distrito Federal, *A Dificil Viagem* de produção recente, perde assim a possibilidade de participar do XVI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, quando vinha sendo cotado como um dos fortes concorrentes do evento.

Segundo Geraldo Moraes, não há muito sentido em participar desse Festival, "porque teríamos de adiar a estréia para março do ano que vem. Por outro lado, já concorremos no Rio de Janeiro e arrebatamos vários prêmios. Somado a isso tudo, temos de aproveitar a divulgação do lançamento carioca na segunda quinzena de agosto, para colocá-lo em circuito aqui e em Goiânia".

*A Dificil Viagem*, a contar pela satisfação do elenco e da direção, foi um "grande barato". Roberto Bonfim explicou que pela primeira vez está fazendo a divulgação de um filme, do qual participou. "Foi tão gratificante e tudo transcorreu num clima tão maravilhoso que me propus a divulgá-lo, feliz da vida".

O filme conta a trajetória de um homem de classe média urbana (Evandro), interpretado por Paulo José, que por circunstâncias da vida é levado a fazer uma viagem pelo interior. Chegando, tenta transpor suas idéias para o novo e desconhecido ambiente, gerando um conflito. Nesse meio tempo, Evandro é envolvido num crime.

Bonfim encarna um índio — Pedro ou Tep Kahok, em homenagem a um amigo — tipo de personagem que o atrai muito, talvez pelo sangue, pois seu avô pertenceu a tribo Boróro. "Acho que tenho um pouco do Evandro. Quando partimos para Aruanã, levei uma enorme bagagem, totalmente, inútil. Me perguntei várias vezes, pra que tudo isso, se só usei calção. Enquanto o pessoal do elenco preocupava-se em telefonar para casa, eu curti o mato durante os três meses de filmagem, sem sair da beira do rio".

— Quando o convite do Geraldo pintou — continua —, não quis nem saber de grana. Era um índio e a vontade de fazê-la gritou mais alto. Além disso, sempre tive intenção de largar a cidade e morar no Araguaia e acho que esse será o fim da minha vida: sentado na beira do rio pegando lambari.

Roberto apostou no filme e deu certo, seu índio aflorou e segundo ele, Geraldo Moraes, deu total liberdade de criação e trabalhar com atores inexperientes foi enriquecedor. "Não gosto de estrelismo, por isso, procuro ajudar e orientar quem está atuando comigo. Sou do tipo que se todos estiverem bem, melhor pra mim. Ai está uma outra coisa que é percebida claramente no filme, a integração do elenco".

## Bandido

Durante muitos anos, Roberto Bonfim foi o bandido de quase todas as novelas da Globo. Começou como figurante em *Verão Vermelho*, no



*Bonfim: a vivência de a Dificil Viagem*

papel de um delegado que nem nome tinha. Depois foi o Balalaika, guarda-costas do bicheiro Jovelino Sabonete (Felipe Carone) em *Bandeira Dois*, um papel que seria pequeno, mas que Bonfim conseguiu transformá-lo numa importante presença. Então não parou mais. A imagem de bandido perdurou até que Janete Clair o chamou para fazer o José do estaleiro em *Selva de Pedra* e virou o bom rural, atingindo seu ponto alto com o trabalho na novela *Paraíso*, onde interpretou o "último dos boiadeiros ingênuos".

Mas Bonfim, que nunca pensou em ser ator — "o que eu transava mesmo era política estudantil" — estreou em 67, na peça *Coronel de Macambira*, de Joaquim Cardoso, numa montagem do TUCA-Rio. "Naquela época, achávamos que este era o caminho de politizar as massas, e como ninguém conseguia fazer o papel do coronel, o pessoal baixou uma palavra de ordem e eu obedeci rapidamente. Resultado, nunca mais larguei a profissão.

Atuando em cinema, teatro e televisão, Roberto Bonfim diz: "Sei que sou melhor em Cinema, produzo melhores resultados, mas o que me gratifica mesmo é um bom personagem". Quanto a televisão, faz uma ressalva: "a gente tem de saber lidar com o veículo, senão ele nos engole. Por isso, mantenho meu padrão de classe média, procurando não entrar de cabeça no esquema, por que isso é fácil. O Marlboro controla a minha conta bancária, louco para me ver duro e me obrigar a fazer um comercial, mas até hoje, continuei resistindo".